

ESTRUTURAÇÃO ORGANIZACIONAL E REALIDADE SOCIOECONÔMICA: O CASO DA INDÚSTRIA CRIATIVA MINERO-ARTESANAL EM TRÊS MUNICÍPIOS DE MINAS GERAIS

Organizational structure and social and economical reality: the Case of Artisan's Mining for the Creative Industry in Three Cities of Minas Gerais

RESUMO

A cultura aparece atualmente em uma nova fronteira, que é denominada de indústrias criativas e essas, por sua vez, demandam estudos que apresentem novas perspectivas de análise como, por exemplo, esse que descreve a estrutura organizacional e a realidade socioeconômica da indústria criativa artesanal de esteatita, que popularmente é conhecida como pedra-sabão, de três municípios de Minas Gerais. Os dados apresentados e analisados referem-se à atividade econômica da produção artesanal em um aglomerado produtivo local nos municípios de Catas Altas da Noruega, Mariana e Ouro Preto, do estado de Minas Gerais. Os resultados indicam a estrutura dos negócios que, por meio da especialização do trabalho, propiciou a formação de uma rede organizacional e a realidade socioeconômica a partir de parâmetros como, por exemplo, educação, tempo de atuação, processo de aprendizagem, renda, família e configuração legal. Essa rede foi formada com a influência do capital social em seu processo de especialização por funções o que ocorreu nas indústrias criativas, nos produtos e nos processos nesses municípios.

Gustavo Melo Silva
Professor do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis – Universidade Federal de São João Del-Rei
gustavomelosilva@yahoo.com.br

Jorge Alexandre Barbosa Neves
Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais
jorgeaneves@gmail.com

Recebido em 21/11/08. Aprovado em 11/11/10
Avaliado pelo sistema blind review
Avaliador Científico: Ana Alice Vilas Boas

ABSTRACT

Culture appears currently in a new border that is called as “creative industry” and it, for its turn, demands studies that present new perspectives of analysis as, for example, this that describes the organizational structure and the socioeconomic reality of the artisan's mining for the creative industry of steatite, that popularly is known as “rock soap”, studied in three cities of Minas Gerais. The presented and analyzed data mention the economic activity for the artisans' production in a local productive accumulation in the cities of Catas Altas da Noruega, Mariana and Ouro Preto in the State of Minas Gerais. The results present the business structure that by means of labor specialization propitiated the formation of an organizational net and socioeconomic reality from parameters as, for example, education, time of performance, process of learning, income, family, and legal configuration. This net was accomplished by the influence of the capital stock in the process of specialization for functions inside the creative industries and for products and processes between the respective communities.

PALAVRAS-CHAVE: Indústrias criativas, redes sociais, desenvolvimento local.

Key-words: Creative industries, networks, local development.

1 INTRODUÇÃO

As atividades econômicas relacionadas com a cultura aparecem atualmente com a denominação de economia criativa, que aborda a cultura a partir de uma lógica econômico-comercial, que revela novas tramas em que estão relacionados consumidores, atividades industriais e organizações públicas e privadas (SHORTHOSE, 2004). Os campos da cultura e da economia propiciam relações sociais do mercado de bens e serviços culturais, que convivem com a busca da preservação e dos possíveis ganhos econômicos e de desenvolvimento

local de comunidades envolvidas em suas atividades econômicas. As indústrias criativas, conforme Oakley (2004) e Uricchio (2004), incluem as seguintes atividades econômicas: antiguidades, arquitetura, arte, artesanato, artes performáticas, design, design de moda, editoras, filme e vídeo, jogos de computador, música, publicidade, serviços de software e computadores, TV e rádio.

Os estudos que buscam compreender o funcionamento do mercado cultural o definem atualmente como indústrias criativas, que incorporam setores que antes não estavam relacionados a esse campo, mas que têm como base fundamental a criatividade em suas operações. As

atividades econômicas deste campo vêm sendo abordadas, principalmente, pela economia e apontam as relações sociais como uma questão chave para seu desenvolvimento.

Este artigo descreve e analisa a estruturação organizacional e a realidade socioeconômica de oficinas de produção de painéis, utensílios domésticos e peças decorativas produzidas a partir do mineral esteatita, que popularmente é conhecido como pedra-sabão. Essas atividades produtivas são uma alternativa econômica para cidades e zonas rurais de municípios no interior do país e, também como nesse caso, analisado no interior do estado de Minas Gerais (MG). Os dados apresentados e analisados se referem a essa atividade econômica nos municípios de Catas Altas da Noruega, Mariana e Ouro Preto.

A pedra-sabão é utilizada na Europa desde o século XV e se eternizou no país pelas mãos de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Atualmente, esse mineral é muito usado em obras de arte e acabamentos da construção civil, além de ser fundamental para o artesanato da região dos municípios analisados na fabricação de objetos de decoração, painéis e utensílios domésticos, que abastecem o varejo de *souvenirs* e de decoração dos municípios de Mariana e Ouro Preto. O processo de produção das peças em pedra-sabão inicia-se na aquisição do mineral, seleção e classificação de blocos. Posteriormente, esse material é transportado até as oficinas onde é cortado, serrado, polido, colado, embalado e finalmente comercializado (MEREU, 2008).

A gestão integrada de peças e processos dessa indústria criativa está incorporada às necessidades de desenvolvimento socioeconômico da região analisada, que aponta essa economia criativa como uma alternativa de geração de trabalho, renda e uma possibilidade concreta de desenvolvimento local. O gerenciamento dessa atividade econômica era exercido por artesãos com baixa formação escolar, característica que foi incapaz de inibir uma gestão que conjuga talento artístico, contratações, aquisição de matérias-primas, produção, vantagens e lucro por meio de uma produção artesanal, que propicia melhoria da qualidade dos produtos e de vida dos grupos sociais envolvidos.

A relação entre cultura e economia, conforme DiMaggio (1994), tem ênfase nos impactos da cultura na economia e dos efeitos da economia na cultura. Os processos econômicos têm um componente cultural expresso em análises que identificam fenômenos simbólicos e cognitivos que influenciam estruturas e práticas econômicas das mais diferentes formas, além da influência

cultural na formação das preferências de consumo. A cultura se relaciona-se com a vida econômica na constituição de atores e instituições econômicas. A ação econômica é influenciada pela cultura e reflete-se no comportamento dos atores, como exemplo, nas rotinas, estruturas sociais, normas, valores, rituais e instituições.

A expressividade da indústria criativa minero-artesanal analisada para o desenvolvimento sócioeconômico regional pode ser percebida a partir do envolvimento de, aproximadamente, 2.300 moradores dos municípios analisados em seus processos produtivos. A representatividade também pode ser enfocada de forma comparativa com a exportação brasileira de esteatita não triturado ou em pó¹. No ano de 2005, entre os meses de janeiro a setembro foram exportados 1.493.202 quilos de esteatita em bloco, o que corresponde a aproximadamente 166 toneladas, ao mês. No mesmo período, a produção nos três municípios estudados da indústria criativa minero-artesanal consumiu aproximadamente 613 toneladas, ao mês, de esteatita (SILVA et al., 2006).

1.1 As indústrias criativas no século XXI

As indústrias criativas ganharam proeminência saindo de um mercado de atividades marginais para um mercado com valor significativo que contribui para a riqueza individual. Os serviços culturais estão agora na vanguarda do crescimento econômico, pois eles englobam a criatividade, que também é insumo, por exemplo, da área de tecnologia no desenvolvimento de softwares. A organização dessa indústria está no fluxo de valor existente entre seus componentes (agentes, redes e empresas), organizados e coordenados por um modelo de escolha em redes sociais (POTTS et al., 2008).

As relações sociais são uma realidade empírica que pode ser levada em consideração tanto nas análises como na operacionalização das indústrias criativas. Conforme Oakley (2004), a experiência inglesa de desenvolvimento e fomento dessas indústrias indica que a política, a prática e os problemas de implementação ocorreram em regiões depressivas economicamente, que foram nutridas por políticas sociais de desenvolvimento econômico para fortalecimento dessas indústrias. A implementação foi feita com uma articulação de agências de desenvolvimento e autoridades locais. Inicialmente, foram analisadas cidades

¹ Para tanto, vamos nos utilizar de dados da exportação nacional desse mineral no mesmo período em que foi realizada a pesquisa quantitativa no aglomerado produtivo.

ou regiões com atividades industriais declinantes. Os novos modelos de trabalho incluíram redes colaborativas de produção. O papel fundamental dessas redes foi o suporte ao desenvolvimento local, que foi formalizado por agências de desenvolvimento econômico, que reuniam e ligavam trabalhadores criativos, redes de empresários, centros de educação, governos e fontes de recursos financeiros. O sucesso das redes gerou o desenvolvimento e a confiança entre as partes, que foi um ingrediente crucial para o desenvolvimento do mercado em cada localidade (OAKLEY, 2004).

A indústria criativa é um potencial da nova economia, que abrange as tecnologias da informação e incorpora áreas tradicionais da cultura à propriedade intelectual, como fonte de geração de trabalho e renda. As áreas tecnológicas da economia criativa criam redes com o intuito de compartilhar dispositivos e dados sem um gerenciamento central. Essas formam comunidades de desenvolvimento de softwares, que oferecem uma lógica organizacional alternativa (URICCHIO, 2004). A interação da economia criativa com a economia da cultura traz, por exemplo, novas possibilidades de organização da produção artesanal e tradicional. Entretanto, as atividades econômicas e culturais como, por exemplo, o artesanato necessita que o Estado por meio de seus processos e produtos culturais tradicionais preserve aspectos da identidade local e nacional. A nosso ver, mesmo que as novas fronteiras das atividades econômicas culturais apresentem novas possibilidades de valorização da criatividade, sua expansão comercial pode considerar a caracterização e valorização de aspectos culturais das comunidades produtoras.

A realização do potencial existente do mercado de bens simbólico-culturais demanda uma parceria efetiva entre o Estado, a iniciativa privada e as organizações da sociedade civil. O mercado no atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas do setor, não dá conta, isoladamente, dos desafios existentes, em que apresenta-se a cultura como um setor estratégico para o desenvolvimento sustentável, por apresentar externalidades para outras dimensões da vida de comunidades brasileiras como, por exemplo, na economia, política, saúde, educação e desempenho profissional. Como poderá ser observado nos municípios analisados que produzem produtos artesanais em pedra-sabão, eles vivenciam os benefícios e os problemas das fronteiras entre as dimensões comerciais e artísticas na condução dos negócios, em suas indústrias criativas.

O *homo economicus* dessa indústria criativa pode ser considerado como aquele que toma decisões para o

posicionamento competitivo dos negócios no mercado. As consequências e a aplicabilidade do uso que esse faz das informações que possui e que identifica na sociedade, estão expressas em suas decisões de mercado que viabilizam a eficiência de seus negócios. Além do indivíduo, grupos sociais e questões comportamentais como gosto, inteligência, educação, etnia, conhecimento familiar, entre outras variáveis influenciam e determinam fatos mercadológicos e organizacionais (BECKER, 1976). Atualmente, alguns economistas consideram que influências sociais como, costumes, hábitos ou normas influenciam alternativas racionais, isto é, as alternativas de decisão ou soluções de problemas que emergem do contexto social (GRANOVETTER, 2002).

2 METODOLOGIA

A indústria criativa analisada está na região central do estado de Minas Gerais, especificamente nos municípios de Catas Altas da Noruega, Mariana e Ouro Preto. Nesses municípios foram identificadas 166 indústrias criativas de bens e utensílios em pedra-sabão, distribuídas por 09 comunidades, sendo que, em Ouro Preto, foram visitados 02 distritos e 03 comunidades rurais, em Mariana 01 distrito e duas comunidades rurais e a sede do município de Catas Altas da Noruega. Das 166 indústrias criativas artesanais pesquisadas em 21 os proprietários não foram encontrados, 05 não quiseram participar da pesquisa alegando o não conhecimento de seus objetivos, com o temor de futuras fiscalizações de órgãos estaduais e federais. Portanto, foram pesquisadas 140 unidades. A pesquisa foi realizada em uma amostra não probabilística, por conveniência com uma abordagem de porta em porta (SILVA et al., 2006).

A compreensão da realidade das transformações organizacionais ocorridas e suas consequências intencionais e não intencionais no caso analisado (YIN, 2005) foram identificadas nas relações existentes entre a sociedade e os fenômenos econômicos que se materializam no dia a dia dos procedimentos organizacionais da indústria criativa mínero- artesanal. Essas relações sociais ocorreram por meio de ações dos tomadores de decisão dessa organização, que expressam comportamentos e influências individuais e coletivas no seu desenvolvimento.

Os dados utilizados para este trabalho são qualitativos e quantitativos. Os qualitativos foram obtidos por meio de observação participante e entrevistas informais com 15 proprietários ou responsáveis das oficinas visitadas nos municípios de Catas Alta da Noruega, Mariana e Ouro Preto. As indústrias criativas observadas foram escolhidas, aleatoriamente, no universo de unidades

organizacionais que responderam a um questionário estruturado e que seus resultados estão descritos em Silva et al. (2006). O desenvolvimento da pesquisa de campo nos municípios ocorreu durante o mês de junho de 2005. As análises e observações também foram realizadas durante todo o ano de 2005 com o acompanhamento de pesquisas realizadas pelas seguintes organizações: Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC-MG), Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Empreendedor (Centro CAPE), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), Programa de Apoio Tecnológico a Exportação (PROGEX) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Superintendência Regional de Belo Horizonte da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM-MG), Secretaria do Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SECTES-MG) e o 3º Distrito do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM-MG). Os dados secundários são quantitativos e foram obtidos em Silva et al. (2006), que quantificam e definem o desenvolvimento das atividades econômicas e sociais relacionadas à produção de bens e utensílios em pedrasabão nesses municípios.

Os procedimentos de coleta de dados, com base em estudos de Lewis (1992) e Yoshino e Rangan (1996), permitiram mapear a rede de organizações que constituem a indústria criativa minero-artesanais desses municípios. A análise conjunta dos dados qualitativos e quantitativos desta pesquisa permitiu, sob a ótica do referencial analítico, compreender a estruturação organizacional da indústria criativa minero-artesanal e sua realidade socioeconômica nos três municípios.

3 REDES SOCIAIS E ESTRUTURAÇÃO ORGANIZACIONAL TERRITORIAL

As relações de troca não são procedentes de outros tipos de relações sociais. Os mercados só operam bem quando são sustentados por outros tipos de redes sociais, compostos de laços individuais e polivalentes (GRANOVETTER, 2002). As atividades comerciais sustentáveis a longo prazo requerem confiança, além das formas de compreensão, culturalmente compartilhadas, resumida por Durkheim (1999) como elementos não contratuais do contrato. A troca reforça laços comerciais, mas não pode se sustentar na ausência de laços sociais (EVANS, 2004). Durkheim (1999) faz um grande esforço para mostrar que a competição não é somente fonte de conflito, mas também de solidariedade. A abordagem Durkheimiana das atividades econômicas é complementada pela abordagem da nova sociologia econômica de

Granovetter (2002) na medida em que ambas abordam as atividades econômicas originalmente como consequência de relações sociais.

As análises das características sociais das atividades econômicas e dos sistemas de produção territorializados apontam a influência da solidariedade e da coesão social nesses territórios, aqui entendidos como consciência associativa da participação na vida política da comunidade local. O processo decisório desses sistemas de produção e seu desenvolvimento econômico podem ser compreendidos a partir da idéia de capital social, ou seja, o estoque de valores e comportamento coletivos, expressos por uma dada comunidade como ingredientes fundamentais para seu desenvolvimento e modernização. A imersão territorial dos atores pode fomentar a competitividade no sistema local, implantando hábitos, convenções e normas de comportamento, por meio de um fenômeno facilitado pela proximidade geográfica, que transcendem às tradicionais relações cliente/fornecedor e compreendem redes formais e informais de colaboração e interações. Essas redes formam-se por meio de mercados locais de mão de obra, convenções e regras formuladas para o desenvolvimento de relações e conhecimento (CONTI, 2005).

O avanço do processo de globalização acabou por criar condições para a revitalização do desenvolvimento local. O desenvolvimento de um município, que pressupõe o seu crescimento econômico, depende fundamentalmente da sua capacidade de organização social, que articula a autonomia decisória local, com a capacidade para reter e reinvestir o excedente econômico gerado pelo seu processo de crescimento, associado ao processo de inclusão social e de conservação e preservação do meio ambiente microrregional (HADDAD, 2004), que são estruturados organizacionalmente com a divisão e especialização do trabalho.

Trabalhos como os de Gereffi et al. (1994), Piore e Sabel (1984) e Raynolds (1994) dão continuidade à análise sociológica do fenômeno econômico da divisão e especialização do trabalho e a sua conseqüente organização em redes produtivas territorializadas. Esse processo também é decorrência de uma realidade de produção em massa que, em um segundo estágio, gera a flexibilização de pequenas organizações integradas em redes que dependem de cooperação, mas também de competição (PIORE; SABEL, 1984; RAYNOLDS, 1994). A rede, conforme Gereffi et al. (1994), é um novo paradigma organizacional que permite mais adequadamente a formulação de ligamentos, correlações de processos

existentes entre micro e macro estruturas sociais, dentro de unidades de análises de contextos globais, nacionais e locais.

As redes estabelecem uma maior coordenação entre as organizações de determinados setores e todo o ambiente institucional. Os fatores de sucesso nas economias modernas das redes é que essas possibilitam redução de custos de aquisição, promoção de uma espécie de regulação de territórios, fazendo com que a cooperação preceda a competição (BAIARDI; LANIADO, 2006). Mas além de considerar atores empresariais, as redes são estruturas sociais e no seu interior estão imersos atores sociais e políticos relevantes em cada situação concreta, sendo o ponto central de análise as relações sociais entre atores sociais (MARQUES, 1999). Esses atores também defendem seus interesses individuais e, para alcançá-los, geram a organização social de suas unidades industriais com a divisão e especialização do trabalho. As redes sociais constituem um tema de suma relevância sociológica, por revelar a preocupação de explicação do fato social não a partir da liberdade individual, mas da ação coletiva que se coloca acima das vontades individuais (MARTINS, 2004), ou como diria Durkheim (1999), ação coletiva imersa na ação dos indivíduos e que garantem também a sua existência.

Para este estudo é importante identificar no contexto regional uma série de fatores como, por exemplo, as características naturais, as raízes históricas e sua evolução socioeconômica. Existem também outros fatores que são necessários para o entendimento real da situação local como, por exemplo, a organização dos negócios a partir da divisão do trabalho. As indústrias criativas minero-artesanais vêm se adaptando e tirando proveitos de novas realidades de configurações organizacionais com o objetivo de racionalizar e aperfeiçoar sua atuação em ambientes sociais e econômicos complexos que demandam diversas estratégias competitivas. Conforme Castells (1994), a economia global não abrange e inclui todos os processos econômicos, territórios e atividades das pessoas, mas afeta indiretamente a vida e a estrutura social de toda a humanidade.

A divisão e especialização das indústrias criativas confirmam as hipóteses de Durkheim (1999) de que este processo não ocorre somente no interior dos sistemas de produção, mas nas ocupações que se separaram e se especializam infinitamente, como cada manufatura é, ela própria, uma especialidade que supõe outras. A lógica da divisão e especialização do trabalho para esse autor é natural, sendo composta de elementos antagônicos que

se limitam e se ponderam mutuamente. Mas a naturalidade do processo de divisão e especialização do trabalho é contraditória ao valor histórico, social e cultural das indústrias criativas artesanais. A especialização por produtos e funções dos pequenos empreendimentos, integrados em redes de indústrias criativas artesanais, só foram possíveis pela busca dos empreendedores locais pela produção em escala ou massa.

O progresso da divisão do trabalho evolui quanto mais indivíduos estejam em contato de interdependência para agir e reagir uns sobre os outros para a execução do processo produtivo. A causa da divisão e especialização do trabalho está na relação de quanto mais elevado for o número de concorrentes das mesmas mercadorias mais novas especializações serão demandadas, conforme as correspondentes necessidades sociais, que também são geradas pelo sistema capitalista, estando relacionadas com a sobrevivência no mesmo ambiente (DURKHEIM, 1999).

O processo de divisão do trabalho na sociedade industrial moderna é um tema de interesse de clássicos como Marx (1985) e Smith (1996), entretanto, a abordagem por esses autores é distinta da que foi utilizada nesta pesquisa para explicar a estrutura organizacional e a realidade socioeconômica da indústria criativa nesses territórios. Smith (1996) destaca que a divisão do trabalho aumenta a habilidade e a destreza do operário, o que proporciona economia do tempo de produção de um trabalho, que é facilitado e abreviado com a utilização de máquinas adequadas que, conjuntamente, permitem atividades econômicas mais eficientes, que por sua vez, são limitadas pela extensão do mercado. Conforme Marx (1985), a divisão do trabalho estimula a cooperação como forma de trabalho em que muitos trabalhadores juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes são conexos. Portanto, para Marx (1985), o trabalhador coletivo constitui o mecanismo vivo da manufatura de trabalhadores parciais, limitados, que produzem em menos tempo e que aperfeiçoam o método de trabalho parcial e proporcionam excedentes econômicos que são apropriados pelos donos dos meios de produção. Entretanto, a abordagem de Durkheim (1999), nos permitiu analisar como as relações sociais promovem e proporcionam, por meio da coesão, a confiança necessária para o desenvolvimento de atividades econômicas, que foram estruturadas organizacionalmente com a divisão do trabalho do sistema de produção de peças e utensílios em pedra-sabão, entre atores que possuem laços e contratos sociais.

O processo de especialização vem ocorrendo nas comunidades que desenvolvem as atividades produtivas com suas indústrias criativas. Por exemplo, o município de Mariana é especialista na produção de painéis e os municípios de Ouro Preto e Catas Altas da Noruega, em utensílios e peças de decoração. O principal produto é a panela de pedra, que é produzida em 30% das indústrias criativas. O município de Mariana concentra as indústrias responsáveis pelo principal produto, principalmente o distrito de Cachoeira do Brumado, que representa 52,4% da produção de painéis (SILVA et al., 2006).

Além da panela, outros produtos se destacam por sua representatividade produtiva na quantidade de unidades organizacionais como, por exemplo, o tabuleiro e peças de xadrez que eram produzidos em 11,43% das indústrias, esculturas em 10,71%, as fontes e cascatas em 10% e as esculturas de animais em 6,43% das indústrias criativas. As indústrias criativas especializadas em peças e utensílios de decoração estavam concentradas, sendo que 40,38% dos empreendimentos especializados em esculturas, tabuleiros e peças de jogo de xadrez estavam localizados no distrito de Santa Rita de Ouro Preto e 30,77% especializados em fontes e cascatas no distrito de Cachoeira do Campo (SILVA et al., 2006).

O que se constatou foi que, além da divisão e especialização por funções, que vêm ocorrendo no interior das indústrias criativas, também ocorreu demanda por produtos entre as indústrias distribuídas geograficamente entre os municípios e localidades. A flexibilidade e especialização da estrutura social regional foram explicitadas em rede de pequenos empreendimentos de base minero-artesanal que estavam se difundindo e expandindo. É bom lembrar Castells (1994) na discussão da rede de empresas a partir do paradigma tecnológico da informação que, quando as redes se difundem, seu crescimento se torna exponencial, mas em contrapartida os riscos de estar fora da rede, também são mais efetivos, pois as oportunidades são definidas pela nova lógica de produção global.

A expansão da rede organizacional nos municípios analisados também ocorreu com a aquisição de componentes ou subprodutos de terceiros por parte das indústrias criativas, já que 82,14% não utilizam ou adquirem subprodutos ou componentes de terceiros. Mas na sede do município de Catas Altas da Noruega 33,34% das indústrias criativas utilizavam fornecedores de subprodutos e componentes (SILVA et al., 2006). É importante observar que, com esses dados mostra-se que existe espaço para a continuidade do processo de divisão e especialização que

ocorreu em algumas unidades. No futuro, outras indústrias poderão utilizar alguma forma de terceirização em algumas atividades. Os dados sinalizavam que a sistematização da busca pela otimização da produtividade foi efetivada por indústrias especialistas, o que nos leva a supor que existe espaço para que a organização da produção também utilize da estratégia de terceirização de processos e atividade com o objetivo de alcançar menores custos de produção.

O que foi observado e descrito nos municípios foi a formação do capital social em uma rede de indústrias criativas, que foi consequência do processo de divisão e especialização do trabalho. Mas é importante salientar que esse processo só foi possível pela confiança existente entre os atores e que ela está imersa, conforme Granovetter (2002), em laços fortes como, por exemplo, os laços sanguíneos, mas também em laços fracos como nas relações de confiança existentes entre os trabalhadores de base artesanal das comunidades observadas. A partir das habilidades e desses laços é definido quem será o especialista em determinada atividade do processo e quais investimentos serão realizados em fatores de produção como equipamentos e até mesmo treinamento. A rede social é um conceito que complementa a discussão de Durkheim (1999), definindo uma tipologia para os ligamentos sociais da divisão e especialização do trabalho e reafirmam a importância da coesão, solidariedade, confiança e regulação coletiva. Portanto, um dos aspectos importantes que a perspectiva de rede retoma na discussão da sociologia econômica de Durkheim (1999) é o papel da confiança entre os atores.

Para Lin (2001) várias formas e contextos têm emergido salientando o conceito de capital social, principalmente pela necessidade humana moderna de cooperação mútua e pelos dilemas da ação coletiva. A superação dos dilemas da ação coletiva e individual depende do contexto social mais amplo. A cooperação voluntária é mais provável em uma comunidade que tenha como herança um estoque de capital social, que pode ocorrer a partir da confiança gerada por regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica (PUTNAM, 1996).

O capital social nesses municípios do interior do país foi alavancado pela influência da família no sistema produtivo que foi a base de estruturação e também da sua organização. A base familiar também gerou aumento da confiança entre os atores das comunidades em que estão localizadas as indústrias criativas, entretanto, esse não foi o único laço que une os indivíduos nessas comunidades. A confiança é estimulada e a desconfiança desestimulada

quando as ações estão inseridas em estruturas mais amplas de relações pessoais e intercâmbios sociais. As relações micro e macro sociais existentes ocorrem através de laços fortes e fracos na formação e desenvolvimento das redes sociais, que consideram tanto as influências individuais como coletivas (GRANOVETTER, 1973).

O capital social é uma integração de recursos atuais ou potenciais que são ligados pela posse de redes duráveis, mais ou menos institucionalizadas, por meio de relacionamentos mútuos de conhecimento e reconhecimento de membros de grupos (étnicos, familiares, gêneros, classes, geográficos, etc.), a partir de vários sensores ou de credenciais sociais (BOURDIEU, 2002). As redes de relacionamento nas indústrias criativas artesanais desses municípios produzem estratégias de investimentos, individuais ou coletivas, conscientes ou inconscientes, que apontam o estabelecimento ou a reprodução social de relacionamentos que são diretamente usuais no curto ou no longo prazo, podendo ser internalizados.

4 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS DAS INDÚSTRIAS CRIATIVAS MÍNEROARTESANAIS

Pela distribuição das indústrias criativas nos municípios analisados mostram-se alguns aspectos como, por exemplo, a distribuição das unidades, que é a seguinte: 62,04% no município de Ouro Preto, 34,34% em Mariana e 3,62% em Catas Altas da Noruega (SILVA et al., 2006). A realidade da indústria criativa artesanal nesses municípios será analisada aqui a partir de aspectos como, por exemplo, a educação, tempo de atuação, processo de aprendizagem, renda, família, configuração legal e especialização do trabalho.

Dos trabalhadores ocupados nas indústrias criativas 86,76% eram homens, 66,76% estavam entre a faixa de 18 a 38 anos, tendo como faixas de renda predominantes a de um e meio salário mínimo para 36,49% dos trabalhadores e de um e meio a três salários mínimos para 50% deles. A carga média simples de trabalho é de 8,03 horas/dia. Os 370 trabalhadores distribuídos nas 140 indústrias criativas correspondem a uma média simples de 2,64 trabalhadores por unidade. A função mais representativa é a de artesão, que corresponde a 53,24% dos trabalhadores pesquisados, o que sinaliza para uma preservação de características das atividades artesanais na maioria das unidades organizacionais, ou seja, o trabalhador é responsável por todas as etapas do processo de produção. Mas pode-se observar que existe uma tendência à divisão e especialização do trabalho com 9,19% de trabalhadores com a função de escultor, 7,03% com a

função de operador de serra de policorte, 10% com a função de torneiro e 7,57% com a função de acabador de peças (SILVA et al., 2006).

O tempo de atuação nas atividades econômicas dessas indústrias criativas foi o seguinte: 70,71% atuam há mais de 10 anos, 10% a menos de 10 anos, 17,86% atuam entre 5 a 10 anos, 31,43% atuam entre 10 a 20 anos, 39,28% atuam há mais de 20 anos e 1,43% não responderam. As unidades dessa economia criativa estavam estruturadas na região há vários anos e os dados indicam uma tendência de crescimento, já que nos últimos cinco anos houve a criação de 14 novas indústrias criativas, o que representa um crescimento de 10% do total de indústrias analisadas. O crescimento nos últimos 5 anos foi mais representativo no distrito de Cachoeira do Brumado, município de Mariana, que registrou um crescimento de 26,1% (SILVA et al., 2006).

O processo de aprendizado confirma que a educação formal não tem importância para esse setor das indústrias criativas como para outros setores industriais, seja da economia convencional ou mesmo da economia criativa. O processo de aprendizagem dos empreendedores locais para 50,71% foi realizado por meio da tradição familiar e para 23,57% dos empreendedores esse processo ocorreu por meio de aprendizado nas próprias unidades existentes (SILVA et al., 2006). Esses dados, a nosso ver, são complementares, ou seja, a tradição e a falta de outras opções de trabalho e renda local condicionaram a vocação da região incentivada pelos seus recursos naturais, que foram a base do potencial produtivo para a indústria criativa mineiro-artesanal local. Ou seja, o aprendizado profissional dos trabalhadores foi feito na própria família ou na unidade onde o trabalhador foi aprendiz.

Conforme Silva et al. (2006), 54,32% dos trabalhadores dessas indústrias criativas nos municípios mineiro artesanais têm o primeiro grau incompleto (SILVA et al., 2006). A contratação e as possibilidades de ocupação dos trabalhadores desses municípios não são definidas pelo seu nível educacional, mas por conhecimentos adquiridos por meio de suas famílias ou nas próprias indústrias criativas a partir de relações sociais como a amizade e relações profissionais. Esses dados reforçam a idéia de que as qualificações necessárias no trabalho são adquiridas no próprio local de produção. Collins (1979) crítico da teoria do credencialismo afirma essa posição afirmando que os empregadores não contratam somente a partir de níveis educacionais, mas principalmente a partir de características de personalidade, mas que a natureza do trabalho está relacionada com organizações em determinados locais. Como vemos nos casos municipais

dessas indústrias criativas, as competências são adquiridas por laços fortes e fracos.

Outro fato socioeconômico importante é a representatividade dessa indústria para a renda dos proprietários. Para 89,29% dos entrevistados, as atividades da indústria criativa eram a principal atividade econômica geradora de renda, para 7,14% uma atividade secundária, para 2,14% uma atividade sazonal e 1,43% dos entrevistados não responderam a esse questionamento (SILVA et al., 2006). Além da indústria criativa artesanal, os empreendedores possuem outras fontes de renda. A representatividade ou até mesmo a dependência das atividades econômicas criativas na geração de trabalho e renda local, pode representar a falta de outras oportunidades de ocupação para as comunidades locais. Os entrevistados foram questionados sobre as alternativas de renda e para 71,43% não existe outra fonte de renda, para 4,3% existe a aposentadoria, 8,57% dedicam-se também à produção rural, 0,7% a venda de pedra bruta, 1,4% a carvoaria, 2,9% a função de pedreiro, 9,3% a outras atividades e 1,4% não responderam a esse questionamento. A representatividade da indústria criativa artesanal em pedra-sabão na economia local estimula a motivação existente para a inserção das pessoas nesse setor econômico criativo. O ingresso dos empreendedores locais no setor foi motivado, para 40,71%, pela tradição familiar e para 30,71% pela falta de outra opção de trabalho e renda na região (SILVA et al., 2006).

Culturalmente, a produção artesanal é uma tradição familiar que foi confirmada pelos dados coletados referentes aos aspectos coletivos do trabalho nessa indústria criativa. Os dados indicam uma característica individualista e familiar do trabalho. É importante salientar que o entrevistado, o empreendedor, pode responder por mais de uma alternativa. Os dados indicam que 44,3% das indústrias eram operacionalizadas por membros da família, 38,6% eram individuais, 12% dos empreendimentos possuíam empregados que eram remunerados por produtividade (SILVA et al., 2006).

Os dados referentes à constituição legal e estruturação das indústrias criativas indicam que a informalidade e a falta de associativismo era uma realidade organizacional das indústrias criativas nesses municípios. Das indústrias pesquisadas, 88,57%, eram empresas informais, 5,7% estavam configuradas como microempresas e 4,3% organizavam-se em associações (SILVA et al., 2006). Não existia uma efetivação de organizações associativas que aglutinassem as indústrias criativas existentes nesses municípios. Existia a formação de uma rede de empreendimentos, que é similar aos

conceitos aplicados nos setores de ponta da economia mundial. A formação dessa rede de empreendimentos, de acordo com Durkheim (1999), dá-se pelo processo de divisão e especialização do trabalho, o que ocorreu de duas formas nesse território, por funções no interior das indústrias ou por produto entre unidades.

5 CONSIDERAÇÕES

As indústrias criativas artesanais vêm se adaptando e buscando alternativas com o objetivo de racionalizar e aperfeiçoar sua atuação em ambientes sociais e econômicos complexos que demandam diversas estratégias competitivas. A economia global não abrange e inclui todos os processos econômicos, territórios e atividades das pessoas, mas afeta indiretamente a vida e a estrutura social de toda a humanidade.

A abordagem socioeconômica desses fenômenos auxilia a compreensão de que seu desenvolvimento sustentável não se encontra somente na racionalidade econômica, nem no poder e ação coletiva social, mas também na gestão social dessas organizações que são os ambientes em que essas forças sociais se materializam. Para uma análise das indústrias criativas artesanais foi necessária a compreensão das modificações do processo produtivo que podem ter gerado novas fases nos ciclos de negócios desse setor econômico a partir de novas formas organizacionais, de processos e de mercadorias. As mudanças ocorridas na indústria tradicional também ocorreram na indústria criativa artesanal, por meio de inovações tecnológicas nos insumos, em aspectos organizacionais e de gerenciamento, que permearam o tecido social regional daqueles que sobrevivem dessa economia criativa.

Os dados apresentados indicam que ocorreu um processo de divisão e especialização de indústrias criativas por produtos e nessas, uma especialização por funções. Esse fato tende a descaracterizar o processo produtivo como sendo artesanal e gera problemas de saúde, que podem ser consequência do esforço repetitivo dos trabalhadores em seus processos produtivos com características artesanais, mas com escala de produção em massa. As mudanças verificadas podem ser compreendidas nesses municípios como uma estratégia para produção em massa que, para ser viável, divide e especializa o trabalho nas indústrias, forma uma rede de empreendimentos especializados por produtos e por serviços produtivos, que foi alicerçada na confiança dos laços sociais existentes entre os atores dos sistemas de produção local.

As mudanças nas organizações são constantes e necessárias, mas o resultado das ações gerenciais e empreendedoras tomadas seja pelos gerentes ou pelos próprios proprietários das indústrias criativas podem ser analisadas, para que, no futuro, filões de mercado não sejam desperdiçados. A divisão e especialização do sistema produtivo descaracterizam o processo produtivo e podem fazer com que, na região, não sejam mais produzidos utensílios domésticos e peças decorativas artesanais em pedra-sabão.

É fato que o mercado consome os produtos locais em pedra-sabão por serem artesanais, mas as ações gerenciais em andamento, que buscam viabilizar a produção em massa, por um lado, com redução de custos unitários podem direcionar a indústria criativa artesanal local para uma produção em escala e padronizada, o que, por outro lado, não inviabiliza a gestão de um portfólio de produção que congregue em si produtos que resgatem o conhecimento local da produção artesanal em pedra-sabão.

Mesmo não sendo a principal atividade mineral de Minas Gerais, a indústria criativa mínero-artesanal em pedra sabão requer a atenção do Estado e da iniciativa privada para que seus negócios sejam potencializados, mas sem perder de vista o conhecimento tácito local que pode ser preservado. Esse conhecimento vem sendo ameaçado com o processo de divisão e especialização do trabalho, que faz com que os artesãos, que conhecem todo o processo de produção, sejam substituídos por classes de trabalhadores de base artesanal. Mesmo que a produção em escala e padronizada seja uma proposta atual, não é pertinente que a base artesanal seja abandonada, desconsiderando-se todo o saber tácito local construído ao longo dos últimos séculos.

6 REFERÊNCIAS

BAIARDI, A.; LANIADO, R. N. Redes e associativismo em uma sociedade globalizada: novas atitudes da classe empresarial na Bahia. **Caderno CRH**, Salvador, v. 19, n. 46, p. 111-121, jan./abr. 2006.

BECKER, G. The economic approach to human behavior. In: _____. **the economic approach to human behavior**. Chicago: The University of Chicago, 1976. p. 3-14.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: BIGGART, N. (Org.). **Readings in economic sociology**. Malden: Blackwell, 2002. p. 280-291.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLLINS, R. The myth of technocracy. In: MARCH, J.; SIMON, H. **The credential society: an historical sociology of education and stratification**. New York: Academic, 1979. p. 1-21.

CONTI, S. Espaço global *versus* espaço local: perspectiva sistêmica do desenvolvimento local. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Org.). **Economia e território**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 209-252.

DIMAGGIO, P. Culture and economy. In: SMELSER, N.; SWEBERG, R. (Orgs.). **The handbook of economic sociology**. Princeton: Princeton University, 1994. p. 27-57.

DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

EVANS, P. **Autonomia e parceria: estados e transformação industrial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

GEREFFI, G. et al. Introduction: global commodity chains. In: GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. **Commodity chains and global capitalism**. London: Praeger, 1994.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. In: BIGGART, N. (Ed.). **Readings in economic sociology**. Malden: Blackwell, 2002. p. 154-167.

_____. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Madison, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

HADDAD, P. R. Força e fraqueza dos municípios de Minas Gerais. **Cadernos BDMG**, Belo Horizonte, n. 8, p. 7-46, abr. 2004.

LEWIS, J. **Alianças estratégicas**. São Paulo: Pioneira, 1992.

LIN, N. Building a network theory for social capital. In: LIN, N.; COOK, K.; BURT, R. **Social capital: theory and research**. New York: A. Gruyter, 2001. p. 3-29.

MARQUES, E. C. Redes sociais e instituições na construção do estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, p. 45-67, out. 1999.

MARTINS, P. H. As redes sociais, o sistema da dívida e o paradoxo sociológico. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 40, jan./abr. 2004.

- MARX, K. O processo de produção do capital. In: _____. **O capital: crítica da economia política**. 10. ed. São Paulo: Difusão Editorial, 1985. v. 1, p. 370-422.
- MEREU, C. Tradição preservada. **Minas faz Ciência**, Belo Horizonte, n. 34, p. 26-29, jun./ago. 2008.
- OAKLEY, K. Not so cool britannia: the role of the creative industries en economic development. **International Journal of Cultural Studies**, v. 7, n. 1, p. 67-77, Mar. 2004.
- PIORE, M. J.; SABEL, C. F. **The scond industrial divide: possibilities for prosperity**. Washington: BasicBooks, 1984.
- POTTS, J. et al. Social network markets: a new definition of the creative industries. **Journal of Cultural Economics**, v. 32, n. 3, p. 167-185, Sept. 2008.
- PUTNAM, D. R. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- RAYNOLDS, L. T. Institutionalizing flexibility: a comparative analysisi of fordist and post-fordist models of third world agro-export production. In: GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. **Commodity chains and global capitalism**. London: Praeger, 1994.
- SHORTHOSE, J. A more critical view of the creative industries: production, consumption and resistance. **Capital & Class**, v. 84, p. 1-9, 2004.
- SILVA, G. M. et al. Economia e sociedade no sistema de produção mínero-artesanal. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 13., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, 2006.
- SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas).
- URICCHIO, W. Beyond the great divide: collaborative networks and the challenge to dominant conceptions of creative industries. **International Journal of Cultural Studies**, v. 7, n. 1, p. 79-90, Mar. 2004.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- YOSHINO, M. Y.; RANGAN, S. U. **Alianças estratégicas**. São Paulo: Makron Books, 1996.